

Paulistana nata, estreou em 1948, sendo, por isso, filiada à chamada *geração de 45*. Seus três primeiros livros foram edições particulares: *Caminho* (1948), *A noiva do horizonte* (1953) e *Autobiografia de mãos dadas* (1958). Depois desses, publicou: *Janela de apartamento* (Ilapalma, 1968), *Sai do lírico* (Ed. Quíron, 1978), *Genetrix* (Massao Ohno; Maria Lygia P. de Albuquerque, 1982) e *Canteiro de obras* (Scortecci Edicon, 1985). Publicou ainda um livro de poemas juvenis: *Brincando de amor* (Ed. Moderna, 1994). Participou de vários movimentos de divulgação de poesia, como *Poesia na praça*, exposição de poemas em cartaz na Feira de Arte da Praça da República de São Paulo, 1969, quando, com Neide Archanjo, criou os *varais de poesia*, hoje comuns no país todo. Recebeu dois prêmios Jabuti de literatura: o de Poesia, em 1987, com *Canteiro de obras*, e o de Ficção Juvenil, em 1990, com *A menina que fez a América*. Atualmente, dedica-se à crônica, escrevendo semanalmente em seção do Diário Popular de São Paulo.



*Ilka Brunhilde Laurito*

Os poemas apresentados fazem parte do livro inédito, de reminiscências paulistanas de infância, *Vida & volta*.

#### *Recital de Poesia*

Enquanto o conde de Afonso Celso se me ufanava do nosso país,  
 Bilac me dizia: — Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!  
 Eu olhava e não via nada: só um enfarruscado céu que garoava  
 sobre os paralelepípedos das ruas tortas de São Paulo.  
 Já o meigo João de Deus me perguntava compassivamente:  
 — De que choras tu, anjinho?  
 Esperando que eu lhe respondesse:  
 — Tenho fome e tenho frio!  
 Mas eu não tinha. Nem era como ave caída ainda implume do ninho.  
 Mesmo que algumas vezes, sem porquê,  
 me parecesse tão órfã a meninez,  
 que uma lágrima celeste, ingênua e luminosa  
 deslizava em silêncio ante o olhar cínico do Guerra Junqueiro.  
 Então, a minha mão, tremendo, abria a porta da prisão.  
 E aquele pássaro cativo do meu peito  
 ensaiava asas, fugia à escravidão,  
 fazendo esvoaçar sobre mim, timidamente,  
 as penas primeiras  
 do poema.

*Radici*

Mussolini marchava sobre a Abissínia  
e Mimi tossia sobre os ombros de Puccini.  
Era lindo morrer numa água-furtada de Paris,  
jamais viver na Rua São Joaquim, tão modestinha.  
Addio addio senza rancor.  
Mas havia Buck Jones galopando nas matinês do Capitólio  
e os meninos da rua que faziam estremecer a espinha tímida.  
As goiabas do quintal, porém, criavam bichos,  
e Mussolini vencia a guerra da Abissínia.  
— Viva el Duce, gritava o pai, que torcia pelo Palestra Italia.  
— Oh io, como son mutata,  
estrebuchava a Traviata no rádio familiar.

(Estrebucha ainda  
e mutata sono io).

A vizinha de meia-idade agonizava atrás da meia-parede  
que vazava o choro murcho e solitário  
da irmã solteirona que um dia engaiolara os pássaros.  
Hailé Selassié (e negus era)  
negava-se aos pés de Mussolini,  
que fincava o tacão no solo da Abissínia.  
Mimi morria. Morria a vizinha, sem Rodolfo e sem Puccini.  
Crescer, lutar, viver, amar era terrível, meu querido diáriozinho.  
Só se fosse possível dançar como Fred Astaire  
e cantar como a Deanna Durbin.  
E berrar na rua rabiscada com carvão e giz:  
— Calçadinha é minha, calçadinha é minha, não é do rei!

(Mas era do rei. Sempre foi do rei.)



*Ora, Dirieis*

Morava no Brás a moça Iria, morava no Brás,  
numa casa de italianos igual às casas italianas  
de uma rua estreita piscando lampiões de gás.  
Morava no Brás, o bairro dos compadres.  
E as comadres diziam — ai, poveretta da pobre moça Iria!  
Que tinha o coração fraco, pulsava-não-pulsava, a moça Iria,  
que iria morrer cedo a moça, Iria.  
Um dia, não, uma noite pálida e umedecida,  
me levaram de visita à moça Iria  
— anjinho agoureiro em procissão de despedidas.  
E eu vi a moça  
— era o sopro no coração que a fazia tão frágil e longínqua?  
Eu vi a moça, tímida e franzina  
como a noite que tremia nas ruas de São Paulo  
encasacada em garoas e neblinas.  
E me deu um beijo na testa, a moça Iria,  
no ponto destinado à luz de auréolas.  
E me levou à janela.  
Era distante o céu do Brás, próximo e íntimo do olhar da moça Iria,  
que me contava baixinho  
(seu coração em sopro de surdinas)  
o mistério das estrelas mortas cuja luz ainda vivia.  
E eu via e ouvia a moça Iria  
como se velas bruxuleantes cantassem litanias.  
Mas nunca mais a vi e ouvi.  
Nem sei se o Brás, quando escavou o metrô, no outro dia,  
esbarrou na sepultura esquecida  
onde couberam os sonhos, sopros e agonias do coração da moça Iria.  
Só sei que às vezes,  
quando abro as janelas pálidas de espanto,  
vejo a tremeluzir a moça Iria  
no céu de fluidos lampiões de infância.  
E volta a pingar nos meus ombros a chama de velas já extintas.  
E eu sei quem chama.  
Irei, Iria.

### *Educação Moral e Cívica*

Na Revolução de 24, meu pai,  
sob o fogo cruzado entre o Morro do Piolho e a Conselheiro Furtado,  
houve por bem fugir com os trastes e a família  
para os muito longes da Lapa  
enquanto os legalistas ameaçavam bombardear a Liberdade.  
Mas voltou depois do tiroteio  
e reconquistou a casa.

Na Revolução de 32, meu pai  
houve por bem dar ouro para o bem de São Paulo.  
E, para o meu bem, fez-me brincar, infante cívica,  
de marcha-soldado-constitucionalista.

Sob o golpe de 37, meu pai,  
com uma tarja de treze listas,  
acendeu velas votivas no Largo da Pólvora  
e desceu enlutado a Rua da Glória.

No Instituto de Educação Caetano de Campos  
me educaram na história institucional do povo egípcio  
soterrado nas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos.  
Mas se esqueceram de contar que as rosas dos jardins da praça  
tinham sido regadas  
por Dráusio, Martins, Camargo e Miragaia.  
Estudante do Brasil,  
minha missão em feriados nacionais nacionalistas  
era marchar na Av. São João com o uniforme da ditadura  
enquanto meu pai lia notícias de guerra no *Fanfulla*.

Marchas e contramarchas mais tarde,  
meu pai, herói sem farda,  
sem batalhas (nem medalhas),  
mas exausto,  
achou por bem morrer  
antes da Revolução de 64.